

4ª Parte

Prosa de Ficção

A ESTÉTICA DO AVESSO

Batista de Lima

Meu avô, dono do engenho, criava bois e carneiros. Os bois moviam o engenho. Duas ou três vezes por mês, uma criação era sacrificada para alimento da família. Ele ia cedinho ao chiqueiro, soltava todo o rebanho e deixava aquele que nos serviria de alimento. Ajoelhava-se ao lado do escolhido e cochichava-lhe as razões daquela escolha. Depois dava uma pequena pancada certa na cabeça do bichinho e ele caía já inerte. Levava-o ao alpendre, pendurava-o em um caibro e tirava-lhe o couro. Tudo era feito em profundo silêncio.

O couro do animal era espichado e posto ao sol. Eu, menino, muitas vezes, ficava cuidando para os urubus não virem furar o couro com seus bicos afiados. Era um cuidado que me levava a mirar o dia todo o avesso da superfície comum daquele couro e de outros nos carneiros vivos do dia a dia. O avesso sempre mudava de carneiro para carneiro. Afinal ficavam no couro alguns restos de carne do animal que formavam desenhos de vários estilos diferentes. Aquilo me empolgava porque apareciam gravuras em alto relevo, mapas, serras e até desenhos de cabanas. Era uma riqueza descobrir aquelas gravuras ali ficadas como se fossem destinadas ao meu visual. Quando um couro maior, de um boi, era riqueza de signos.

Interessante é que tempos depois, quando aprendi a ler, costumava me lembrar daquelas imagens da infância. Sempre que leio um texto literário descubro imagens que se desenhavam, que imagino que são apenas minhas, pois que o autor não as fez de propósito para minha descoberta. Parecem o avesso daquilo que visualmente aparece na página. Algumas vezes podem estar ali colocadas de propósito pelo autor. Mas muitas vezes é meu olhar que inventa ver diferente como no couro espichado ao sol.

Essas impressões de leitura que aqui vão, muitas vezes são o avesso do que o autor estudado quis dizer. Para mim, no entanto, elas são mais interessantes quanto mais me representam como leitor. Gosto tanto de ver o avesso das coisas que passei a gostar do avesso das palavras e verificar que umas são felizes e outras infelizes. Aqui pois vão minhas impressões sobre textos de outros autores que tenho lido e que mostraram-me seu avesso.

Aqui, pois, vão referências às descobertas que fiz sobre textos de escritores de várias estirpes. Todos aparecem então mitificados em outros veículos, mas a nossa expressão é o que dignifica. São estruturas de superfície que me encantam e nas quais mergulho sem a preocupação com suas profundidades. São avessos metafóricos surpreendentes, verdadeiros couros de carneiros que me transportam para dimensões que

imagino. O avesso da escritura de Clarice Lispector é um poço tão profundo que não consigo “tomar pé” quando nele mergulho. Os escritos de Adolfo Caminha são um tiro na nossa direção que não sabemos onde nos vai atingir. Alcides Pinto nos encontra na estrutura de superfície para nos afogar na estrutura profunda. Guimarães Rosa nos conduz até ao fim das Veredas, depois nos deixa diante de um sertão sem caminhos com uma, obrigação de acharmos seus limites.

Esses autores estudados e outros que aparecem no livro utilizam-se de armadilhas literárias que nos capturam. Acontece que cada uma delas adquire finalidades variadas quando nelas mergulhamos. Esse jogo entre autor e leitor muitas vezes adquire uma conotação inversa. Isso acontece quando minha interpretação leva a uma formulação de outro caminho além daquele traçado que me foi dado. É aí que retorno a imaginar o que significam aquelas imagens que estão no verso do texto, iguais ao universo do couro que observava na infância.